

Título do trabalho – *Espectros de ‘Marcovaldo’*: limites e ambigüidades da modernidade na sociedade ribeirãopretana (1905-1920).

Autor – Rodrigo Ribeiro Paziani.

Filiação institucional – Doutorando pela Universidade Estadual Paulista – FHDSS/Campus de Franca. Orientado pelo Prof. Dr. José Evaldo de Mello Doin e auxílio financeiro da FAPESP.

Sonhar com a natureza e conviver com a “artificialidade”, o caráter mundano da modernidade: eis o centro das aventuras e desventuras de Marcovaldo, personagem ímpar de Ítalo Calvino¹. Mas, o que parece uma simples oposição de valores (natural *versus* artificial, campo *versus* cidade), é na realidade um *imbróglío* de sensações e choques experimentados por ele na cidade (e nas estações do ano) e que o remete a uma concepção urbana de “natureza”.

Marcovaldo é ambíguo: coloca-se na contramão dos símbolos modernos (semáforos, automóveis, luzes elétricas,...) dando predileção (ou identificando-se) à aspectos “naturais” (observar cogumelos no asfalto, procurar madeira na floresta, pescar no rio que atravessa a cidade,...) e tem como referência de “natureza” (mais precisamente, seus três filhos) os significados urbanos (a “floresta” é um *outdoor*, os cogumelos “naturais” são perigosos, o azul do rio em que pesca está “azul” porque uma empresa de tintas descarrega ali seus resíduos tóxicos,...).

Calvino nos fala de uma cidade/metrópole - espaço vital em que se emaranham os fios labirínticos e ambivalentes da modernidade² – e de Marcovaldo e sua família – personagens que evocam um universo de imagens oníricas (o encontro com a “natureza”, um “mundo” melhor) e que mergulham em situações de absurdo e de crise existencial (essa “natureza” é produto de sonhos, só existe no “mundo” humano e no tempo “presente”).

Com semelhante “leitura”, podemos correlacionar alguns dos *espectros* de Marcovaldo nas transformações urbanas pelas quais experimentou Ribeirão Preto e seus personagens na Primeira República. Forjada por uma “planta de civilização” – segundo conceito braudeliano³ –, Ribeirão Preto tornou-se uma das mais importantes urbes do país graças aos estrepitosos lucros provocados pelo dinamismo da atividade cafeeira.

Desbravada por barbaças hirsutos travestidos de *novos bandeirantes*, a zona cafeeira (centrada no município de Ribeirão Preto) logo se viu em franco desenvolvimento com a chegada das ferrovias pela Companhia Mogiana de Estradas de Ferro (1883) e com ela uma sociedade

¹ CALVINO, Ítalo. *Marcovaldo ou as estações na cidade*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997, 143p.

² GOMES, Renato C. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1994, 182p. “A cidade é símbolo capaz de exprimir a tensão entre racionalidade geométrica e emaranhado das existências humanas – revela Ítalo Calvino em seu testamento literário, as *Seis propostas para o próximo milênio*. Parece ser esta tensão o vetor que comanda a dramatização dos textos que constituem ‘o livro de registros da cidade’ (...) O livro de registro da cidade é um labirinto: um texto que remete a outro, que por sua vez conduz a um terceiro, e assim sucessivamente (...)” (P. 23-24).

³ BRAUDEL, Fernand. As estruturas do cotidiano. P. 92. In: *Civilização material, economia e capitalismo*. São Paulo, Martins Fontes, 1995, V.1. 541p.

marcada sobremaneira pelas ambigüidades e limites da modernidade capitalista. Uma elite bucaneira, destituída de ética (a não ser a do lucro à exaustão) e eminentemente nômade (i-migrante), apropriou-se (ou melhor, inventou para si) os espaços de ação pública e privada. A *coronelada* – investida por patentes militares – assumiu os papéis *fausto-mefísticos* que lhes eram de *direito* (uso e abuso de documentos “oficiais”, da Câmara Municipal, das políticas de Estado, dos negócios no exterior,...). Instalou-se, ofuscada pelas *máscaras* do poder, a cultura da fraude, do favor, do roubo e da violência. Homens como Francisco Schmidt, Artur e Antônio Diederichsen, Joaquim Macedo Bittencourt e Joaquim da Cunha Diniz Junqueira representavam essa “tradição inventada” esboroante...

Entretanto, é do interior dessa mesma elite que explodiu um *processo civilizador*⁴ e as imagens do *progresso* que se difundiam pelas terras do café. “Encantada” com a mítica Paris *haussmaniana* e abarrotada de dinheiro, ela decidiu inserir a cidade no “trem” da modernidade: a construção do Teatro Carlos Gomes (1897); das primeiras redes de água (1898), luz elétrica (1899) e esgoto (1900); os arruamentos, calçamentos e embelezamentos no centro histórico da cidade; as Avenidas *Jerônimo Gonçalves* e *Saudade*; a construção do Palácio Rio Branco em 1917 (sede da Câmara e Prefeitura). Sedentos pela urbanização dos espaços, nem mesmo suas enormes propriedades fugiram à régua e o compasso: os cafeeiros eram plantados em forma de avenidas e servidos por uma estação ferroviária e suas residências verdadeiros casarões adornados com obras de arte e com traços ecléticos em sua arquitetura⁵.

Parelha aos impulsos iniciais da modernização, gestava-se uma sociedade de tantos outros aventureiros que, em virtude dos galopantes crescimentos demográficos na Europa ao longo do século XIX (além das crises rurais, o avanço industrial e os inchaços urbanos) ou da “fome” de conquista (reinventada pelos mitos do *El Dorado* espanhol e da *Canaã* bíblica), rapidamente absorvia as experiências modernas: era a cidade dos cassinos (*Antártica* e *Eldorado*), das jogatinas e das jovens *polacas* (cortina de fumaça da prostituição); dos teatros e dos cinematógrafos; das posturas normatizadoras e dos atraentes modismos; da introdução dos automóveis e das indústrias; dos cafés, confeitarias e armazéns; dos jornais e revistas.

⁴ No sentido de “racionalização” de hábitos e uma repulsa (ou ocultamento) de comportamentos “instintivos” interpretado por: ELIAS, Norbert. *O processo civilizador*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1994, V. 1 (Uma história dos costumes), 277p.

⁵ DOIN, José Evaldo de Melo. A régua e o compasso nas terras do café: a *haussmanização* das cidades do interior paulista na República Velha. *Anais do XI Encontro Regional de História*. “História e Exclusão Social”, p.54-57. Universidade Federal de Uberlândia, Centro de Ciências Humanas e Artes, XI Encontro Regional de História, ANPUH/MG, 27 a 31 julho de 1998.

De Ribeirão Preto à *País do Café e Petit Paris*: o movimento expansivo e destruidor da *onda verde*⁶ arrastava uma outra “onda” – a de homens e mercadorias pelas *maria-fumaças* – e trazia consigo, nem bem assentava sua “civilização”, a efemeridade e os descompassos das novas experiências. Segundo José Evaldo de Mello Doin:

*Essa expansão estabelece a enorme dianteira das terras do café sobre as outras regiões do país. O mundo do coffee business se engalona e sofisticada. Entupida de dinheiro, sua elite quer a todo custo modernizar-se. Aquelas vilazinhas, aqueles lugarejos que poucos anos antes eram apenas um parco aglomerado de casebres, anônimos, insignificantes, entregues à modorra sonolenta da rotina, num repente acordam, tomados de pressa ingente para entrar no bonde da história e atingir as benesses do progresso e da civilização, acordados que foram pelo aroma forte e instigante daquela bebida dadivosa. Rápido crescem e tomam forma as cidades. Centros bafejados pela força da grana que constrói e destrói coisas belas. Admirável mundo novo que mescla sem possibilidades de separação o arcaico e o moderno. Era a Belle Époque caipira que tomava conta dos corações e mentes das cidades do interior paulista.*⁷

Intimamente familiarizados com os “novos” tempos sem poder, contudo, assimilá-los às suas experiências pessoais, os homens e mulheres ribeirãopretanos assumiam um comportamento ambivalente ante à modernidade impressa pela economia cafeeira: se por um lado, deixavam-se escoar por uma incipiente sociedade de massas e da informação – e que se percebe nitidamente nos periódicos da cidade,

‘Luz Elétrica’: Inaugurou-se, ontem, a iluminação elétrica da Estação da Mogiana nesta cidade. É profusamente distribuída pelo vasto edifício e a sua intensidade é das melhores. Parabéns à Mogiana por mais este melhoramento em benefício de Ribeirão Preto.⁸

‘Cinematógrafo’: Mais uma boa função e com grande concorrência realizou ontem a Empresa Luxemburgo com o seu ótimo aparelho cinematográfico. A vista ‘Paixão de Cristo’ agradou bastante a todos os espectadores. Amanhã a Empresa dará mais um espetáculo⁹.

‘Seção livre’: Quereis ganhar dinheiro? Adquirá o automóvel **detroitier**. É o único que resiste a grandes viagens, sem receio de competidor. O pequeno capital, empregado em cada **Detroitier**, é uma garantia de lucros certos que em pouco tempo representa uma fortuna – Agente geral na Mogiana J. Gonçalves Lagosta – Rua Amador Bueno 33 – Caixa Postal 11 – Telefone 211 – Ribeirão Preto.¹⁰

‘A Notre Dame de Paris – Casa de Primeira Ordem’: Fazendas finas, modas, confecções, armarinhos, roupas para senhoras e crianças, etc. Tomamos as liberdades de chamar a benévola atenção de nossa distinta e numerosa freguesia para o grande e variado sortimento de fazendas finas, armarinhos e artigos para o inverno, que ora acabamos de receber das mais importantes casas do Rio (...)¹¹

⁶ Alusão à imagem metafórica do trajeto criador/destruidor feito pelo café em direção ao interior paulista por: LOBATO, Monteiro. *Onda verde e presidente negro*. São Paulo, Ed. Brasiliense, 13ª edição, 1969, 330p.

⁷ DOIN, José Evaldo de Mello. *Capitalismo bucaneiro: dívida externa, materialidade e cultura na saga do café (1889-1930)*. Franca, Faculdade de História, Direito e Serviço Social, UNESP, Tese (livre docência em História), 2001, v. 1, p. 307.

⁸ RIBEIRÃO PRETO. Fonte: Arquivo Público e Histórico. *A Cidade*. Ribeirão Preto, Ano I, 1905.

⁹ Idem. Ano IV, 1908.

¹⁰ RIO DE JANEIRO. Fonte: Fundação Biblioteca Nacional. *A Cidade*. Ribeirão Preto, Ano IX, 1913.

¹¹ Idem. Ano XV, 1919.

por outro, um relativo processo de modernização do espaço urbano – ruas asfaltadas, calçadas e iluminadas, distribuição de água e coleta de esgotos, construção de praças e coretos - e de alguns hábitos sociais – que se misturavam aos anseios da elite em eliminar vestígios “arcaicos” da imagem “civilizada” de Ribeirão Preto - contrastavam com a ineficiência dos serviços públicos oferecidos pelo binômio poder público/poder privado, os aturdimentos causados pelo (mau) uso dos novos ícones – como automóveis, bicicletas, teatros e cinemas – e outros questionamento das certezas e seguranças na vida urbana:

*‘Às quintas e domingos’: Os boeiros, ou coisa que melhor nome tenha, do encanamento da rede de esgotos, de certo tempo para cá passaram a exalar um cheirozinho que está reclamando muita creolina. O que dirá de nós o burguês que, após o jantar à regabofo, acender o charuto e der em passo cadenciado e **judicioso** o seu passeio pelas ruas?
- Apenas, que nesta cidade não se respeita a integridade da pituitária dos cidadãos dirão os senhores!
E não é pouco, digo eu. (Gil Ditoso)¹²*

‘Uma reclamação justa’: Pessoas residentes na Vila Tibério pedem-nos que reclamemos a quem de direito, no sentido de ser mantido, naquela adiantada e sempre próspera vila, um policiamento, diminuto embora, a fim de evitar que seja ela o ponto de ‘operações’ de gatunos, como em breve sucederá.¹³

*‘Choque de autos’: O automóvel n. 52, guiado pelo seu proprietário, José Garzon, subia ontem às 19 horas a rua Saldanha Marinho, conduzindo dois passageiros, quando, ao atravessar a rua General Osório, foi apanhado pelo automóvel n. 21, de Cajuru, guiado pelo mecânico Nilo Arouca.
Com o choque, o 52 girou sobre as rodas dianteiras, indo-se projetar sobre a calçada da Camisaria Sampaio, bastante danificado. Seus passageiros receberam ferimentos tendo sido medicados na Farmácia Fedulo (...)
O desastre foi presenciado por diversas pessoas, atraindo aglomeração no local.
A polícia esteve presente intimando os ‘chauffeurs’ à comparecerem hoje na delegacia.¹⁴*

Condicionada e contrariada com os movimentos, os impasses e as instabilidades próprias da modernidade: assim como Marcovaldo – que quer encontrar a “paz” e a “harmonia” em uma idealizada natureza nas ruas silenciosas num dia de verão (como se a cidade fosse toda dele) – os moradores de Ribeirão Preto (muitos deles anônimos) não escapavam à *mundanidade* de seus comportamentos e ações nas áreas urbanizadas da cidade.

Em Calvino, está presente a *mundanidade*: o personagem central, colocado em situações na qual o sonho, o absurdo e uma realidade cruel se diluem e dialogam entre si, constrói uma linguagem (*pós?*) *moderna* – e vive uma sociedade (*pós?*) *moderna* – onde o lugar da razão e da desrazão é desconhecido, o que leva Marcovaldo a encarar um cenário urbano na qual não consegue discernir a “natureza” do “artifício”, ou melhor, apenas reconhece (ou ressignifica) o “natural” nas “coisas” produzidas/inventadas pelas mãos/mentes humanas.

Estas “coisas”, para ele que é um funcionário pobre, guardam em si o poder de criar imagens opostas à sua “realidade” (que normalmente o leva a sonhar), embora elas mesmas se

¹² Arquivo Público e Histórico. *A Cidade*. Ano V, 1909.

¹³ Idem. *Diário da Manhã*, Ano X, 1914.

¹⁴ Fundação Biblioteca Nacional. *A Cidade*. Ano XIV, 1918.

origem de suas experiências de choque na cidade – momento em que revela os limites da imaginação e a riqueza da ambigüidade. Daí ser sujeito e vítima do mundo da qual se nutre. Um longo trecho de “A cidade toda para ele” talvez nos permita visualizar o universo de Marcovaldo e auxiliar-nos na reflexão sobre os efeitos das transformações urbanas nos habitantes de Ribeirão Preto :

Durante onze meses por ano, a população amava tanto a cidade que ai de quem tocasse nela: os arranha-céus, os distribuidores de cigarros, os cinemas com tela panorâmica, todos os motivos indiscutíveis de atração contínua. O único habitante ao qual não se podia atribuir esse sentimento com certeza era Marcovaldo (...)

Numa certa altura do ano, começava o mês de agosto. E pronto: assistia-se uma mudança geral de sentimentos. Ninguém mais gostava da cidade: os próprios arranha-céus, passagens subterrâneas para pedestres e estacionamentos tão amados até a véspera tornavam-se antipáticos e irritantes (...) Marcovaldo era o único habitante a não deixar a cidade.

De manhã, saiu para caminhar no centro. As ruas abriam-se largas e intermináveis, vazias de carros e desertas (...) Marcovaldo sonhara o ano inteiro em poder usar as ruas como ruas, isto é, caminhar no meio delas: agora podia fazê-lo, e também podia passar os semáforos no vermelho, e atravessar em diagonal, e tanto parar no meio das praças (...)

Certamente, a falta de alguma coisa saltava aos olhos; mas não da fila de carros estacionados ou do engarrafamento nos cruzamentos, ou do fluxo da multidão na porta da grande loja, ou da ilhota de gente parada à espera do bonde; o que faltava para encher os espaços vazios e encurvar as superfícies esquadriadas talvez fosse uma enchente para estourar os condutos de água, ou uma invasão de raízes de árvores da alameda para arrebentar a pavimentação (...)

Poderíamos dizer que, tão logo desertada pelos homens, a cidade havia caído nas mãos de habitantes ocultos até a véspera que agora passavam a dominar: o passeio de Marcovaldo seguia um pouco o itinerário de uma fileira de formigas, depois se deixava desviar do vôo de um escaravelho perdido, depois se demorava em acompanhar o movimento sinuoso de uma minhoca (...) Mas a cidade ainda existia? Aquele aglomerado de matérias sintéticas que encerrava as jornadas de Marcovaldo agora se revelava um mosaico de pedras disparatadas, cada uma bem diferente das outras ao olhar e ao contato, pela dureza, calor e consistência.

Assim, esquecendo a função das calçadas e das faixas brancas, Marcovaldo percorria as ruas com ziguezagues de borboleta, quando de repente o radiador de uma baratinha disparada a cem por hora passou-lhe a um milímetro de um quadril. Um pouco pelo susto, um pouco pelo deslocamento do ar, Marcovaldo deu um pulo e caiu desmaiado.

O carro, com um grande chiado, freou quase girando sobre si mesmo. Dele saltou um grupo de jovens sem camisa. ‘Vou levar uma surra’, pensou Marcovaldo, ‘porque andava no meio da rua’ (...)

- Ei-lo aqui – disse um deles segurando um bastonete prateado perto da boca -, o único habitante que ficou na cidade em 15 de agosto, o dia mais quente do ano. Desculpe, senhor, quer contar suas impressões aos telespectadores? – e lhe enfiou o bastonete prateado debaixo do nariz (...)

Toda a praça estava de pernas para o ar: furgões, carros equipados, câmeras, transformadores, instalações para lâmpadas, equipes de homens uniformizados que iam e vinham de um lado pra outro completamente suados (...)

- Rápido, pessoal, podemos começar a filmagem da fonte! (...)

O carregador Marcovaldo tinha sido encarregado de arrastar pela praça uma enorme chapa de refletor com um pedestal pesado. A grande praça agora zumbia com maquinarias e cliques de lâmpadas, ressoava com marteladas nos tablados metálicos improvisados e ordens berradas... Aos olhos de Marcovaldo, ofuscado e aturdido, a cidade de todos os dias havia recuperado o lugar daquela captada só por um instante, ou talvez somente sonhada.¹⁵

¹⁵ CALVINO, op. cit., pp. 111-114.

Os *espectros* das experiências de Marcovaldo pela cidade aparecem, com algumas nuances, nos comportamentos e nas críticas levantadas pelos moradores de Ribeirão Preto durante a Primeira República. A emergência de novos hábitos e valores no interior da sociedade foram somente possíveis pelos ritmos (nem sempre otimistas) da economia cafeeira, e como tais, seguiam as instabilidades e a pujança da famosa rubiácea: esta era, portanto, possuidora de ambivalência, já que impulsionava a modernização urbana e, como produto agro-exportador, era fruto de uma atividade rural/agrícola.

Nesse sentido, arrastava pelas ferrovias uma gama de novidades, mas as instalava numa sociedade mal familiarizada com uma ética cidadã: daí as tentativas *haussmanianas* de “disciplinar” a natureza (humana e não-humana) conviverem conflituosamente com a livre circulação de animais pelas ruas e quintais das casas; daí um gostoso passeio com os *fonfonados* automóveis (ou mesmo bicicletas) se transformar, por ausência de carteira de habilitação e desconforto no uso da máquina, em constantes acidentes pelas ruas centrais; daí também os *civilizados* membros da elite cafeeira, figuras marcantes nos palacetes, teatros, bailes, cassinos e outros eventos culturais, transitarem à galope e desordenarem a “tranquilidade pública” ou serem acusados de assassinar gente inocente, como foi o caso do *Crime de Cravinhos*¹⁶ na década de 20...

Daí, enfim, a cidade sonhada/desejada – imagem mitificada pelo *Rei-café*: a “natureza” fundando uma “civilização” – ora amalgamar-se ora se chocar com as realidades da cidade vividas no cotidiano dos seus habitantes – reclamações de gestos e atitudes “bárbaras”, de crises de equipamentos urbanos e da violência e exclusão social.

Apesar das nuances (e distâncias) históricas e culturais com a obra de Calvino, apreendemos uma semelhança entre o universo cambiante e crítico (ou irônico) de Marcovaldo e o da maioria da população ribeirãopretana em plena *Belle Époque caipira*: as experiências de ambos com a vida moderna encerram sonhos de “outros” limites - a busca da “natureza”, em Marcovaldo; da “civilização”, para os moradores -, mas sempre ocorrem de maneira ambígua, instável e que ficam, no caso de Ribeirão Preto, impressas na linguagem rica de imagens no “diálogo” entre um missivista e o redator do jornal *Diário da Manhã* em 15/01/1913. Intitulada “Uma reclamação justa”, a matéria dizia o seguinte:

Sr. Redator:

Com a exuberante invasão de automóveis, a cidade de Ribeirão Preto está tomando um tétrico aspecto de cidade infernal!

De dia já não pode atravessar tranqüilo as ruas que se cruzam sem a gente se persignar cautelosamente para afugentar o canhoto, representado na figura tenebrosa de um desses mastodontes de transporte.

¹⁶ Sobre o “Crime de Cravinhos”, envolvendo a “coronela” Iria Alves Ferreira – suspeita de mandar assassinar um possível ex-amante devido à “acerto de contas” – ler: JORGE, Janes. *O crime de Cravinhos: oligarquia e sociedade em São Paulo, 1920-1924*. São Paulo, FFLCH/USP, Dissertação de mestrado (em História), 1998, 157p.

E de noite, então? A velocidade é dobrada; e lá pelas tantas da madrugada as famílias são acordadas com a passagem desses espalha-mortes que levam no bojo diversas mulheres da vida airada, encarapintadas ao colo de rapazes do dito, numa bulhenta pagodeira de bordel barato!

É a caravana macabra da prostituição tripudiando sobre o sossego da cidade e sobre a paz das famílias! (...)

Tenha dó de nós, Sr. Redator, abra uma campanha contra os prostíbulos noturnos que andam correndo pela cidade às horas mortas, no regaço desses malditos automóveis!!!

Deus há de abençoar a sua bela pena se ela conseguir despertar a Polícia e a Prefeitura para esta obra de regeneração dos costumes maus!’

Ninguém poderá negar carradas de razão ao missivista. O automóvel, esse veículo que simboliza a última palavra do progresso da locomoção urbana; presta-se entretanto a esse papel lamentável de cúmplice de orgias e deboches, em vertiginosas e inomináveis excursões onde os gritos lúbricos se alternam com os gritos roncados da buzina (...)

Ora, será possível, numa cidade civilizada, um tal abuso, uma tão indecorosa exibição?

Respondam as nossas autoridades.

Sem uma severa repressão, essas primeiras sortidas notívagas irão em acréscimo e dentro de em pouco tempo quem quiser dormir em Ribeirão Preto... irá morar em Brodowski ou Santa Cruz das Posses.

Quanto ao tráfego diurno dos automóveis, já por muitas vezes temos reclamado. O noticiário, cheio de incidentes e desastres quotidianos, é bem eloqüente.

A prefeitura mantém um fiscal de veículos. A prefeitura exige exame de habilitação para conceder as cartas de ‘chauffeur’. Qual o efeito dessas medidas e providências?

Parece, até agora, nenhum.

Fica, portanto, um derradeiro apelo. Que as autoridades policiais e municipais voltem as suas visitas para as correrias diurnas e noturnas desses ‘espalha-mortes’, como diz o nosso missivista.¹⁷

Fenômeno originado no século XIX, o olhar “saturado” do homem é resultado direto das sensíveis transformações pelas quais passaram as cidades/metrópoles no Ocidente. As reformas alteravam o tecido urbano e os sentidos de seus habitantes. Impunham a estes novas formas de sociabilidade e de experiências individuais.

O “tempo do dinheiro”, como diz Sérgio Lage de Carvalho¹⁸, produz nos indivíduos um olhar ambíguo sobre a cidade: ora eles a recusam – como uma “fuga” da multidão, uma “suspensão” da velocidade – ora são atraídos por seus tentáculos – ditados pelo ritmo rápido das ruas, pelo andar calculado e apressado ao local de trabalho. Ambos, porém, são simultâneos, porque reforçam o caráter “labiríntico” e ilusório dos centros urbanos.

É nesse ambiente, repleto de novos objetos, signos e imagens, que

O mundo é reencantado. De um lado, as obrigações, os infortúnios, e as formalidades da realidade tediosa do mundo técnico-industrial, do atarefamento, da pressa e da necessidade, de outro, a magia de um universo encantado, de sonhos e promessas, uma realidade paralela, em que a natureza do vivido é artifício e dissimulação. A dimensão do consumo libera a vida pública e redimensiona as vidas privadas.¹⁹

¹⁷ Arquivo Público e Histórico. *Diário da Manhã*. Ano XVI, 1913.

¹⁸ CARVALHO, Sérgio Lage T. A saturação do olhar e a vertigem dos sentidos. São Paulo, *Revista da USP*, dez/fev. 1996-7, p. 129. À respeito da “metropolização” das cidades como espaço-tempo do dinheiro no século XIX – império da razão e da impessoalidade da modernidade capitalista – e a intensificação dos estímulos nervosos resultantes desse fenômeno, ler a obra de: SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. Pp. 11-25. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 4ª edição, 1979, 133p.

¹⁹ Idem, p. 150.

Marcovaldo é um homem reencantado (assaz os dramas familiares e sua situação social). Os habitantes de Ribeirão Preto também... Estes sonham suas “cidades invisíveis” (estejam elas numa concepção de “natureza” ou de “civilização”), protagonizam/sofrem os choques das experiências urbanas e reagem ambigualmente aos ritmos impostos pela modernidade capitalista.

Mas, apesar de considerarmos *spectros* do personagem de Calvino, os ribeirãopretanos conviviam, porém, numa “outra” urbe com uma “outra” realidade histórica. As ambigüidades, que em Marcovaldo aparecem numa “cidade-sonho”, são “reais” em Ribeirão Preto: traços de *ruralidade* (“natureza”) estavam presentes no dia-a-dia da cidade. Esta, que crescia no bojo da economia cafeeira, era, portanto, o amálgama de uma sociedade às voltas com os sonhos e as ilusões da modernidade, mas ainda bem contornada pelas relações de mando e de sociabilidade dos coronéis – as “máscaras” e encenações do poder construindo suas auto-imagens na vida pública²⁰ – sobre o restante da população.

²⁰ Ver meu artigo “*O café é sua estética: os discursos do progresso como auto-imagem da elite ribeirãopretana na Primeira República*” publicado em *e-book* para o *I Simpósio de História e Cultura: Política – Estética – Alteridade*, na Universidade Federal de Uberlândia (MG) entre os dias 17 e 21 de junho de 2002.